



# Em defesa de Guido Mantega

Pode-se criticar Guido Mantega com severidade ou até com dureza, mas ele merece o respeito de cada um de nós

**EUGÊNIO BUCCI**

20/03/2015 17h10



Share

O economista **Guido Mantega**, professor da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Fazenda entre 27 de março de 2006 e 31 de dezembro de 2014. Antes disso, tinha sido ministro do Planejamento, ainda no primeiro governo Lula. Ao longo desses anos, portou-se com altivez e serenidade. Não bateu boca com quem quer que fosse. Não foi protagonista de escândalos de corrupção. Não faltou com a elegância, nem mesmo quando, ao final de seu primeiro mandato, Dilma anunciou por antecipação que ele seria demitido. Com seu desprendimento e sua dedicação, impediu que a corrosão de sua própria autoridade, causada pelas declarações de sua superior imediata, gerasse danos maiores à economia. Serviu ao país com espírito público – essa expressão que é ao mesmo tempo um lugar-comum da linguagem e uma virtude incomum, muito rara, na vida real.

Você pode discordar da linha adotada pelo Ministério da Fazenda durante a gestão de Guido Mantega. Pode até criticá-lo com severidade, ou mesmo com dureza. Não há como dizer, porém, que sua passagem pelo poder tenha enlameado a história do Brasil. O ex-ministro não há de contar com a concordância de muita gente, o que se entende perfeitamente, mas continua merecedor do respeito de cada um de nós.

## >> **A solidão de Guido Mantega**

Ou será que não? No mês passado, o cidadão Guido Mantega foi levar sua mulher ao Hospital Albert Einstein, em São Paulo, onde ela faz tratamento contra um câncer. Reconhecido na lanchonete, ouviu insultos e xingamentos chulos, como se fosse um pária. Precisou sair às pressas daquele ambiente hostil. Alguém gravou a cena com um celular e rapidamente a infâmia foi parar nas redes sociais. O que se vê é no mínimo degradante. Um ofende o ministro com palavras de baixo calão. Outros gritam algo que devem considerar ainda mais ofensivo: “Vai para o SUS!”.

Começamos por lembrar que a lanchonete de um hospital particular como o Einstein, que é frequentado por celebridades e reputado como um dos centros de excelência em medicina, não é exatamente um estádio de futebol, onde o uso do palavrão faz parte da etiqueta habitual. A lanchonete de um hospital também não é uma casa noturna lotada de bêbados desqualificados, dos quais se poderia esperar um excesso verbal. Num ambiente hospitalar, as pessoas instintivamente

procuram observar o silêncio e o comedimento. Muitos ali passam por aflições dolorosas e, enquanto fazem um lanche ou tomam um café, refletem sobre os acasos que separam a vida da morte. Como entender, então, que, num lugar assim, alguns se sintam à vontade para vituperar contra um cidadão que foi até lá, como todos os demais, em busca de cuidados médicos? Por que essas pessoas se sentem autorizadas a atirar no lixo as boas maneiras e o mais elementar respeito humano?

Dizer que o governo Dilma Rousseff, ao qual Guido Mantega serviu, tem agredido a nação brasileira com disparates ainda mais graves não é suficiente. Argumentar que a sociedade está polarizada também não basta. O que se passou na lanchonete do Einstein é a negação dos fundamentos da civilização. Em todos os sentidos, é inaceitável. Atos dessa natureza, principalmente dentro de um hospital, não podem ser justificados pela exacerbação política. O que aflorou nesse episódio foi a pior forma de ódio de classe. Isso mesmo: ódio de classe. Ódio dos mais ricos pelos mais pobres. Quem grita “Vai para o SUS!” pensando em ofender alguém, imagina que o SUS é uma forma de castigo, uma pena que se abate sobre quem merece sofrer, um ritual de humilhação. Em algum lugar de sua alma atormentada pelo ódio de classe, essa pessoa acredita que o povo pobre do Brasil vai para o SUS porque merece sofrer. Talvez essa mesma pessoa se imagine superior aos outros. Talvez sinta que o privilégio constitua uma medida de justiça. Essa pessoa não se deu conta, mas é um motor ativo da luta de classes e, além de não saber nada sobre o SUS, que presta vários serviços de excelência, não sabe nada sobre ética na política.

É uma tragédia constatar que, nos ambientes mais abastados do Brasil, alguns ainda acreditem que as agressões mais selvagens, mais torpes, possam promover a causa da ética pública. Não há como exigir lisura das autoridades se não somos capazes de observar um mínimo de humanidade quando estamos numa lanchonete de hospital. Se esses gestos refletem a mentalidade da tal “elite” brasileira, estamos perdidos. Quem acredita que SUS virou mesmo sinônimo de senzala não tem envergadura moral para alcançar o significado da palavra ética.